

BALANÇO DE UM COLÓQUIO SOBRE SAÍDAS PROFISSIONAIS EM LÍNGUAS ROMÂNICAS

Maria Luísa Malato Borralho

Conta-se que, quando os deuses deram ao homem a diversidade das línguas, o homem não ficou satisfeito. Embora os deuses lhe tivessem explicado a sua utilidade, ele retorquiou:

- Não vejo como me pode ser útil. A linguagem que une, desune, o que cria também destrói. Dá-me antes uma coisa útil, como um pote.
- Preferes então um pote que só transporte água?

Os alunos de línguas, e em especial os alunos das tradicionais línguas românicas, têm por vezes um intrincado problema: saber o que fazer com um conjunto de competências que, já não os formando para a docência de uma língua no ensino público, os deixa perplexos quanto à sua funcionalidade. Se a Universidade se multiplica na oferta de cursos, recursos e variantes, a Imprensa rotula genericamente todos os cursos de letras (e os de línguas em especial) como caminhos para o desemprego qualificado. O mercado de trabalho, esse, englobando factores muito para além do domínio das universidades, como o tecido social, cultural e económico, oscila entre a aparente receptividade e a frequente indiferença ao investimento em pessoal realmente qualificado. Segundo dados do último Observatório do Ensino Superior (ODES), de 2001, e contrariamente ao que se pensa e divulga, só em média 4,7% dos licenciados na área de artes e humanidades estão desempregados ao fim de 18 meses, em taxas inferiores a outras habilitações, mas também a muitas outras licenciaturas, algumas delas muito mais procuradas pelos alunos (segundo dados do Observatório de ex-alunos da FLUP, para 1999-2002, os cursos de LLM eram mesmo os que se apresentavam entre os de com maior taxa de empregabilidade). Para tal integração dos alunos da FLUP muito tem contribuído a existência do Gabinete de Formação e Educação Contínua, cada vez mais solicitado e também cada vez mais eficaz. No entanto, nem sempre esses licenciados trabalham numa actividade que julgam interessante ou adequada às suas competências (no mesmo inquérito da FLUP, só 64% dos inquiridos considerava adequada ou muito adequada a sua função profissional, embora esse valor possa até ser considerado elevado se comparado com outras formações universitárias, sobretudo se considerarmos a formação transversal e não dirigida a uma única profissão, tradicional nos cursos universitários, em geral, e de humanidades, em particular).

Por um lado, nos últimos dez anos, muitas das portas tradicionais se fecharam. As causas serão muito diversas: emagrecimento da função pública, aumento do número de licenciados em universidades públicas e proliferação de privadas, informatização da área dos serviços, globalização do mercado de trabalho, diminuição da taxa de natalidade. Uma licenciatura assegurava antes um emprego seguro. É cada vez mais raro que uma licenciatura, mesmo na área da saúde, assegure um emprego vitalício. Uma licenciatura em línguas assegurava um salário interessante no professorado. Nos dias que correm, é cada vez mais difícil ser professor. Mas também não é fácil querer ser professor.

Mas por outro lado, nos últimos dez anos, muitas portas novas se abriram. Não só a sobrelotação de docentes parece ser um fenómeno provisório (neste momento, vários países importam já professores sob pena de não os terem formado a tempo), como existem, nas línguas

românicas, bolsas de docência em que o desemprego é ainda raro (como no ensino do espanhol ou na docência da língua portuguesa como língua estrangeira, em Portugal ou no estrangeiro). Saber inglês ou informática como línguas francas é comum: mas a entrada em novos mercados faz-se muitas vezes através do conhecimento da língua e das culturas nacionais (recorde-se que o português é falado por 200 milhões de falantes, o francês por 175 milhões, e o espanhol ganha importância crescente, em número de falantes e em prestígio, mesmo no espaço anglo-saxónico).

Mesmo sem uma planificada política cultural, o número de estrangeiros que nos procuram, para estudar ou para trabalhar, é cada vez maior, exigindo diferentes perspectivas de ensino do português. Há 11 mil estudantes de português nos liceus do Senegal, por exemplo (*Expresso*, Única, 23/12/06: 84). Hoje, encontra-se um público estrangeiro atento à cultura portuguesa, por vezes mais atento e curioso que o nacional: o desconhecimento das nossas potencialidades é mal antigo de que parecemos não nos livrar. Destinado ao turismo nacional ou internacional, também fazem falta os projectos de turismo cultural, até literário, já comuns em outras culturas. O mesmo se passa para situações do ensino especial ou específico (a educação de adultos, de crianças com dificuldades específicas de aprendizagem, o ensino por computador, ou a elaboração de cursos adequados à vida activa que é cada vez mais a “terceira idade”). Aí, quase tudo está por fazer: projectos, livros, criação de suportes multimédia ou outros materiais de apoio...

Se muitas portas se fecharam, outras tantas se abriram. Ainda que, pela sua novidade, não tenham ainda sido absorvidos pelo funcionalismo. Muitos dos projectos inovadores situam-se hoje no trabalho por conta própria, em projectos individuais ou colectivos. Mais livres, mas também com algum factores de precariedade e risco. Sob este aspecto, talvez tenhamos mais a aprender com a geração dos avós do que com a geração dos nossos pais. A Universidade do Porto, através do programa Da Vinci, dos cursos de empreendedorismo, da certificação do *europass* (certificado europeu de formação profissional) ou do apoio à formação de empresas para-universitárias (*spin-offs*/IRIC), pode ajudar a concretizar um projecto próprio. O mesmo sucede com instituições como a Fundação da Juventude, para além de várias associações privadas. O tradutor, como outros co-autores de projectos editoriais, autonomizou-se, o que quer dizer que não tem serviço certo com uma única editora. Mas, nos nossos dias, é possível, através da Internet, manter uma razoável carteira de clientes que sai muito para além do limitado território nacional. O mesmo sucede com a animação (ou provocação) cultural, solicitada por uma sociedade que incentiva quer as aparências quer a sua crítica. Ou com a informatização de conteúdos, de forma mais ou menos lúdica, mais ou menos aprofundada, considerando-se a pluralidade de um público cada vez mais alargado, ainda que ligado por interesses cada vez menos generalizáveis. Assim sendo, o *curriculum vitae* deve ser feito desde os primeiros anos da universidade, aproveitando a existência de cursos livres e a frequência/organização de eventos científicos. Tudo isto exige uma denominada “formação contínua”, dentro ou fora da universidade, sempre autodidacta em certa medida, embora se valorizem os estágios e os certificados de formação profissional que atestem essa mesma formação. A escolha dos segundos ciclos (mestrados ou pós-graduações, que em grande medida se equivalerão às actuais licenciaturas) deve reflectir uma formação transversal e sólida, parecendo interessante uma formação humanística complementada com conhecimentos técnicos. Sobretudo se considerarmos afinal que temos nas mãos a mais dúctil e útil das ferramentas: o conhecimento da língua e da linguagem, o gosto e o desejo de comunicar.

A mudança das oportunidades implica também mudanças profundas nas formas de aprender e ensinar. E também nas formas de trabalhar e contratar trabalhadores. *Mexe! Bouge, Muévete!*, E que o mundo se mova. Teremos de reinventar as necessidades do empregador (muitas vezes alheio ao investimento em pessoal qualificado) e repensarmos as prioridades do trabalhador

(muitas vezes passivo, demasiado passivo). Exigirá, como sempre, mudarmos a sociedade e mudarmo-nos a nós mesmos. No dia 13 de Dezembro de 2006, o Colóquio *Portas Fechadas? Janelas Abertas* procurou lançar algumas sementes dessas mudanças: juntou para isso alunos e professores da FLUP, empresários (da *Mota-Engil*, *Publindústria*, *O Primeiro de Janeiro...*) e investigadores (da UP, da FLUC...), ex-alunos desempregados, teimosos ou desanimados, e ex-alunos que trabalham, que se despediram para melhor trabalhar. Deu visibilidade a gabinetes e associações de apoio existentes na Faculdade, na Universidade e na sociedade civil. No final, a exibição do filme *A Bagagem*, realizado por Saguenail e Regina Guimarães, foi o culminar de um longo dia de propostas e debates: foi ele próprio um memorável tempo de reflexão e reacção. Mas, ao contrário de outros colóquios, o êxito deste medir-se-á somente no futuro. Assim sucede com as sementes.